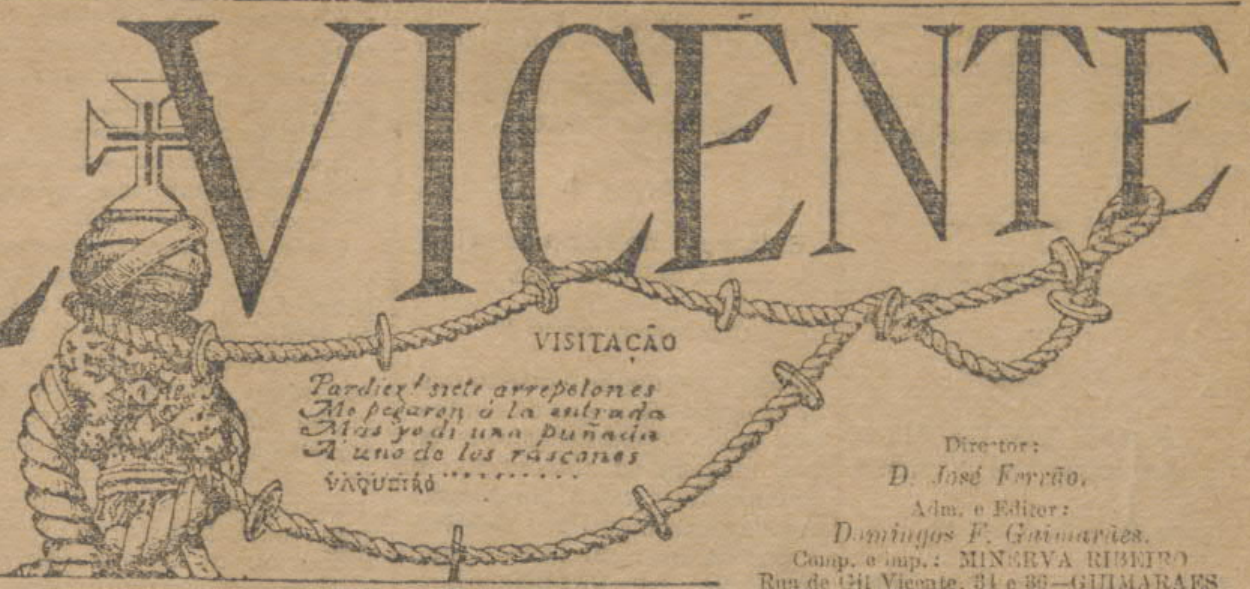




Semanário monarchico-integralista
(Litterario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



Director:
D. José Ferrão,
Adm. e Editor:
Domingos F. Guimarães,
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de 191 Vicente, 31 e 33—GUIMARÃES

OS CULPADOS

Novamente se desenrolou na Lisboa trágica, ocasionada pela supressão do chamado *não político*. E essa grêve fez-se acompanhar, como todas as outras, dos atentados dinamitistas, da *artilharia civil* que os propagandistas exultavam como legal e justa nos tempos da propaganda.

E serão culpados os grévistas? Não. Eles seguem o caminho lógico que a lei lhes facultou e agem em nome dos bons princípios republicanos, agem em nome da *fra erudite* que a república lhes ensinou e do direito á grêve que muito generosamente o sr. Brito Camacho lhes outorgou. Procedem de acordo com os preceitos libertadores que o sr. Antonio José de Almeida lhes ditou nos tempos enusticos dos comícios nas hortas.

E se quizermos procurar as causas e os culpados, não precisamos de nos afastar muito. Eles estão proximo e é a nós que a consciência do país deve pedir rigorosas contas. E' contra esses que a consciência avariada dos burguezes deve aplicar as suas diatribes e o seu veneno.

A república como causa; todos os republicanos como agentes, são os culpados!

A república deve o operário fiar todas as desgraças que o tem atingido como principal e unica responsavel de toda a desordem politica e social que criniosamente criou e auxiliou, de todo o desequilibrio e desorientação de que o operariado, mais que qualquer outra classe, está sofrendo.

A república deve o operário e deve o país instaurar processo por fraude e abuso de confiança, como principal agente de toda a miseria, enganando torpemente e ludando a todas as promessas e cantatas de que se serviam como *isca* nos esaudosos tempos da propaganda; a ela se deve o crecamento de todas as liberdades, inclusive o próprio direito á grêve, os assaltos ás casas sindicais e associações de classe, as prisões em massa, os espingardeamentos de operários, as persiguições e fittas ignobilmente preparadas nos antros da P. S. E., praticadas em nome da *liberdade* prometida e de cada vez que o operário ousa lembrar-lhes mais rudemente o cumprimento das promessas feitas.

A república, consagrada e incitadora da desordem e do crime, é a unica e maior responsavel e não tem nem autoridade para condemnar, nem mesmo a teria para reprimir se os próprios interesses não se sobrepuzessem.

O operário tem, pois, na república o seu maior inimigo.

Afastado e quasi perdido o sentido do verdadeiro sindicalismo, dos seus principios antigos da amiza colaboração profissional entre chefes e operários, na religião e no culto pelo

Trabalho e pela Profissão, na defesa estatuída e sancionada pelo Rei da integridade profissional contra todas as leis libertistas da oferta e da procura, o operário agita-se desorientado e oprimido através os mais antagonicos interesses, entregue a uma obtusa e expoliadora burguezia, que, de braço dado com a república, tem criado e animado a tremenda luta de classes, provocando assim a justa revolta do operário.

Por entre os varios caminhos que se apresentam, o operário, ainda ligado ao feticchismo republicano, apesar de tudo, e tendo ainda presente os erros da monarchia constitucional, arrastado pela necessidade de lutar e de agir contra tanta injustiça, entregou-se á corrente politica que mais facil e rápida, mais radical e violenta se lhe apresentava, servindo uma politica de revolução pela revolução, sem fins praticamente conhecidos, no intuito de poder justificar-se e vingar-se de todos os que o conduziram a tão triste condição.

E' a traz de uma nova pinacela de ilusões idealistas, do progresso ineficaz e de uma bemaventurancã paradisíaca, elle lá segue outra vez inconscientemente a traz dos *salvadores* como outôra, inconsciente tambem, seguiu a traz dos *salvadores* republicanos, que o espingardearam e escarneceram.

Novamente enleado nos espinhos da politica dos politicos, na politica insalubre e envenenadora das alfaias onde se tornam mais habéis fabricantes de bombas que habéis profissionais no seu officio, elle perde o amor ao trabalho, ao orgulho da sua profissão, para se converter no apóstolo diabólico que percorre as officinas e tabernas na propaganda nefasta da desordem, abandonando e sacrificando a familia, saúde, liberdade e até a própria vida, ingloriamente, na confusão e na inconsciência em que se encontra mergulhado.

Operários!

D aqui vos convidamos a attentar na sem razão de todas as ideias chamadas libertárias, no fundo falso em que se baseiam, na inconsistência dos pontos principais da sua doutrina, nascida das exaltações que então explodiam e que levaram o operário á defesa errada dos seus interesses, e examinai, sobretudo, a impossivel realização das suas finalidades sociais.

Mostraram-vos como argumentos supremos os erros da monarchia constitucional, ainda que má, muito melhor que a republicana, e exageraram-nos a seu bel-prazer como um meio esplendido de propaganda. Mostraram-vos, como exemplo, as historietas de cordel, a que irrisoriamente os republicanos que as fizeram chamam *História de Portugal*—algumas das quais chama-se acto heroico ao regicídio— e fazem-nas correr

nas escolas, datu-pando ainda mais os pontos que convinhão á sua propaganda, empregando como bandeiras triunfais todos os velhos e est-fado-termos de que para traz não se anda e de emanipação do proletariado pelo sovietismo e quejandos, e assim vos tem arrastado e prendido á chamada *ideia intangivel*, com a magica de palavras bombásticas e espalhafatosas, mas vãs.

Abandonai a politica rasteira dos politicos para servirdes somente a politica nobre da profissão.

Examinai serenamente as doutrinas que regem o sindicalismo organico e lá encontrareis uma melhor e inteiramente realizavel defesa dos vossos interesses dentro do espirito da vossa Profissão.

O sindicalismo organico é, talvez, de mais difficil e longa realização mas incomparavelmente mais solido e sério, mais honesto nos seus intuitos que todas as doutrinas revolucionárias.

E' ás corporações organizadas que cabe velar pelos interesses exclusivos da sua profissão, cooperando no conjunto para a prosperidade nacional e no respeito mutuo das respectivas liberdades, na colaboração perfeita e harmonica com os seus chefes naturais, reorganizando e actualizando a admiravel e sã organização antiga das Artes e Officios, no cumprimento integral e homogeneo dos direitos e dos deveres de que todos gozam igualmente.

Atacada a causa, isto é: a principal base em que assentou toda a propaganda republicana, a pseudo liberdade de associação e de trabalho, estabelecendo a lei da oferta e da procura, entregando o operário á ganancia do mais forte e collocando-o por isso mesmo em condições de inferioridade, cessam naturalmente os efeitos, que são os que ora se produzem, fazendo crer como verdadeira a maior patanhã que o seculo passado produziu pela pena de Marx, inventando o Capital e o Trabalho.

M.

Alfredo Guimarães

Possou no dia 7 do corrente o aniversario natalicio d'este nosso presado conterraneo e distinto colaborador.

A Alfredo Guimarães, viaranense dedicadissimo e escritor de suggestivo estilo verdadeiramente regionalista apresenta o «Gil Vicente», a que sempre tem dispensado a sua primorosa e apreciadissima colaboração, os seus cumprimentos muito sinceros, fazendo votos a Deus para que esta data se repita por muitos anos.



O céu é novo em santa adoração,
Onde o sol se encanta em melhor amor;
Na terra ha sangue em meu monso fragor
A ascender a Patria á Ressurreição.

A Cruz e a Espada... Deus e a Nação...
Rosario lindo duma Historia em flor! ...
Assim se benceu Grão-Adamastor
E Ormuz... sempre a rezar esta oração.

Em Gloria ou Morte! ... era outra vez a senda,
Do Encoberto, do Misterio e Lenda,
Em campos nocos de Aleacer-Quibir.

Em Gloria ou Morte! ... sagrado dilema,
Que se vão de novo a tomar por lema
Os cavaleiros novos do Porvir.

Ponte e SOUZA.

A PROVINCIA

Felizmente que já se vai abrindo os olhos e se principia a compreender o que vale a centralização democratica e o que vale a emancipação administrativa ou descentralização.

A hora das utopias politicas já passou, já passou a epoca da desiluminosidade, do obscurantismo em que se lançava tudo que se não queria mostrar ao povo que agora já principia a ver, mas continua a deixar-se ludibriar por todas as formas por aquêles que fizeram da serventia do Estado uma profissão rendosa e perpetua.

Enfim, agora já todos clamam e reconhecem, e entendem, todos vêem nitidamente que o peiz inteiro, a Provincia muito especialmente, não deve subjugar-se, incondicionalmente, ao mando parasitario de uma cidade de maus vicios, prenhe de pessimos exemplos.

Na realidade Lisboa é o caos politico, o caos administrativo, o abismo em que se encontra lançado quasi todo o país, o cancro infeccioso que definha e mata, aos poucos, assim lentamente, doridamente, a nação portuguesa. Lisboa, politicamente, compõe-se de algumas dezenas, algumas centenas de parasitas, coberto por varias

epigrafes — revolucionarios civis, funcionarios publicos, etc. etc.— que aguardam em ansias o subsidio que lhes fornece a terra provinciana, da sua produção, da seiva do seu solo, o sangue puro da patria portuguesa, para se banquetearem galhardamente, cinicamente, nos melhores hotéis e restaurantes, á custa da miseria da nação inteira.

Lisboa manda, Lisboa vence, Lisboa triunfa em todos os campos. Lisboa joga os destinos do país, levanamente, legislando hipocritas e escandalosas leis, inconscientemente, á toa.

Por isso é que a Provincia principia a compreender o seu valor, o seu sacrificio inutil e rugo ameaçador, e ameaça subverter esta perniciosa organização centralizadora. A Provincia tambem tem os seus filhos, zelosos e inteligentes que, merecê duma falsa centralização e orientação, a capital perverteu e desmoralizou. Esses filhos que regressem ao lar e que trabalhem por si, para o Municipio, para a Nação.

A feição puramente regionalista do nosso movimento de Resgate, que nos tem mantido completamente livres de todas as clientelas politicas que não sabem, afinal, aqui que querem, é que nos obriga a expôr assim desassombradamente, vio-

lentamente, conscientemente os nossos princípios de autonomia das Províncias e dos Municípios sob a égide de El-Rei.

“Ontem e Hoje,”

I

A MARCHEM DA VIDA DE LUÍS DE CAMÕES

(Conclusão do número 33)

Em vez de outro partin nessa jornada que ia depôr Portugal nas mãos de Gástela. Foi esse outro Luís Per ira Brandão que escreveu a Elegiada referente ao desastre de Alcacer-Quibir e que é a obra mais infeliz de toda a Literatura Portuguesa. Eis, — meus caros Leitores — o castigo merecido duma tão grande injustiça cometida. É uma Literatura, é uma Patria inteira que se afunda no abismo inconfundível da morte. O desastre de Alcacer-Quibir trouxe-nos a perda da nossa Independência. Já não somos governados por portugueses; somos mandados pelos castelhanos!...

Portugal país independente e cheio de grandeza histórica, é agora um vassalo de Gástela. Mas a jornada heroica e nacionalista de 1640 havia de surgir. São quarenta fidalgos portugueses que leem nos Luzidas as grandezas da sua Patria e inspirados por esse sentimento tão elevado e tão nobre expulsam do reino os Filipes a quem a derrota de Alcacer-Quibir havia entregado o reino de Portugal. De novo o pendão nacional tremula a dentro dos muros da Patria Querida e Amada que deixava morrer á fome o Mestre da poesia epica de todos os tempos. Como é triste que um verdadeiro português como Camões o era não encontrasse entre todos os outros portugueses que eram civilizados, ou se consideravam um só que, pelo menos, nos últimos momentos da sua vida o consolasse e o tratasse!... Não; foi preciso que Camões, vivendo entre homens civilizados, tivesse de ir buscar longe, muito longe um selvagem para o tratar, para não morrer sozinho e abandonado!...

Não houve um unico português que fosse capaz de o amparar nos últimos momentos da sua vida, depois de ele ter prestado muitos e relevantes serviços á Patria, procurando por meios dos Luzidas levantar bem alto o nome de Portugal e, portanto, dos Portugueses cantando todos os seus feitos valerosos. Desprezado por todos nunca esqueceu a Patria!... E no momento em que acabava de consumir-se o desastre de Alcacer-Quibir e a dominação Castelhã batia às portas de Portugal, Camões, quasi morto de fome e de cansaço, escrevia ao seu amigo D. Francisco de Almeida que cheio de patriotismo procura impedir a entrada dos Castelhanos nas terras portuguesas: *enfim, acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha patria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela.* A 10 de Junho de 1580 acabava de expirar, na mesma Lisboa que o tinha visto nascer, o desprezara e tão infeliz o tornara, esse epico vulto não contente de morrer na Patria, mas com a Patria.

Bento Galdas.

O Integralismo Lusitano é a expressão mais fiel e exacta das tendências e aspirações da Nação Portuguesa reveladas inequivocamente através dos seculos que constituem o seu passado brilhante e glorioso.

Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINCIPE.»

Capitulo I.

Refutação de huma evasiva dos philantropos.

(Conclusão do número 33)

Aceito a confissão e insisto desta maneira: Pois se vós confessais que a liberdade só pôde ser boa, quando os homens forem inteligentes e justos, porque não começais primeiro por dar-lhes a virtude ou a intelligencia que lhes falta, para que depois possais conceder-lhes sem perigo o uso da liberdade? Não vêdes que enquanto não tiverdes satisfeito esta condição essencialissima ao bem da comunidade, talvez ides dar ao assa-sino o punhal para que vos mate, ou ao bugio a navalha de barba para que se degole com ella? E isto he o que previnem todas as leis quando são justas e santas: porém os philantropos invertem a marcha das cousas; começam por dar aos homens a liberdade e, só depois de lha darem, he que procurão habilita-los para fazerem della bom uso. E como? Fundando academias e proclamando a liberdade da imprensa!

Quanto ao mais, não há cousa tão irrisoria e pueril como dizer-se que a liberdade que se admite nos governos chamados livres he a de *fazer tudo o que a lei não prohibe.* Ainda não houve no mundo governo algum, por mais absoluto ou despotico que se queira supprir, em que não fosse lícito *fazer tudo o que a lei não prohibe;* e se o houve então não foi despotico, nem absoluto, foi tyrânico; e a tyrania tanto pode existir nos governos despoticos e absolutos, como nos representativos e republicanos. Representativo he hoje o de Buenos Ayres, e não pode a tyrania ir mais longe do que tem ido com Rosas.



UMA ANECDOTA DE D. JOÃO DA CAMARA

O simples e bom D. João, uma das maiores glorias do nosso teatro, e que tão mal coadunado é entre o nosso publico, era dotado dum genio singularissimo e curioso.

Conservo na minha memoria uma variedade de incidentes e anedotas, que particularmente manifestam a grande bondade do autor dos *Velhos* e que a voz amena dum de seus filhos, D. Tomaz, — herdeiro implacavel no trato e no coração, das qualidades de seu pai, — me contava, na justa e admiravel adoração de filho.

O D. João, da *Triste Viúvina*, da *Meia noite*, do *Afonso VI* e muitas outras obras primas, era popularissimo, e admiradissimo. Porém a característica mais notavel do seu complexo de virtudes, era a consideração pelos humildes, pelos que soffrem, e pelos que esperam a hora eterna e compensadora em Deus, sempre infinitamente bom e infinitamente misericordioso.

Ora uma noite, medonha de chuva, descia o poeta a rua do Alecrim, em direcção ao Caes do Sodré, a tomar o carro que o havia de conduzir ao Palacio da R. da Junqueira, onde o poeta viveu e escreveu o melhor das suas obras.

Lá está ainda a arvore acolhedora onde, á sua sombra, D. João viveu horas de arte e de beleza,

e o Terraço onde a sua alma, tão simples e tão boa, escutou os doces murmúrios das folhagens e os gorgoros do passarêto.

— Po! é n o carro não vinha, e o notavel dramaturgo, sob a chuva copiosa, resignava-se a uma espera penosa e aborrecedora.

Um ou outro caminhante acossado pela chuva, e o rodar de alguma tipoiã ao galope cansado de velhas pilecas, e nada mais.

De subito, das trevas, á luz amarelenta dum bico de gaz, surge um vulto e D. João ouve uma voz arrastada implorando caridade.

Era a preta da aguardente, figura tipica da pobreza lisboeta, afeita, na sua tara de desgraça, ao alcoolismo dominador das dores e torturas.

Eram conhecidos. O poeta fixa-a com padecido, e, serenamente, procura no fundo da algibeira uma moeda carinhosa.

E depois duns momentos, constata que apenas uma moeda branca de tostão resume a sua abastança naquele momento.

A preta continua de mão estendida a olha-lo com seus olhos sanguineos e mortiços.

Nisto D. João piedosamente monologa contemplando a sua miseria:

— O tostão é para beberes, mas o alcool é o teu alimento, o alimento da tua carcassa viciada... e por isso não tenho o direito de te privar de um bem espiritual e corporal...

E, numa decisão, coloca o tostão na palma negra da velha preta, e, aconchegando-se no sobretudo, sob a chuva e a ventania, toma o rumo para casa.

E, muito simples, modo sereno, contente consigo e com Deus, percorre os tres quartos de hora de caminho, privando se do carro, na certeza que aquele tostão levava uma bem merecida alegria, a quem não teria o conforto duma cuxeriga para repousar a carcassa doente e envelhecida.

Singularissimo e santo aquele D. João, a quem um dia hã-de ser feita inteira justiça!

Curioso poeta, tão excentrico e tão bom, que morreu certamente na paz bemdita do Senhor.

Vasconcelos Nogueira.

A situação

Estão todos doidos, não tenham duvidas nenhuma!

Como se Portugal fôsse um país vencido da guerra, sujeito a pagamentos continuos de reparações, contribuições e outros encargos, a nossa situação economica e financeira é cada vez mais desastrosamente assustadora, sem um prenuncio de desafogo.

Prova-se á evidencia, com argumentos e factos, que não é consequencia da guerra a subida constante da vida, do cambio, da desmoralisação e desafôro da nossa sociedade.

Pois não se nota ainda bem claramente que é maior o numero de ricos, os «novos ricos» chamados? não se notam claramente ainda, dia a dia, semana a semana, hora a hora, que cada vez mais é imensamente maior a *penuria* do Estado?

E se o Estado somos nós, se o Estado é o país, não se nota ainda tam claramente que é «o proprio país a banquetear-se na sua horripilante mi-éria?»

Como é triste toda esta psicologia e como é tam desgraçado este viver de illusões tam fantasiosas e designadas a que a republica e os seus homens tem conscientemente arrastado o país!

E como é desgraçado vêr o povo a continuar no *brodio* e na *frescata* sob a borrasca, a terrivel borrasca iminente!

... Baile macabro a cheirar a carne pôdre numa terra que era a melhor de todas...

Ideais

Verdadeiramente existem apenas, no ponto de vista politico, dois ideais que se impõe ao respeito de toda a gente, representando, embora, os principios mais opostos: um o da Verdade e do Bem, outro o do Mal e do Erro. São a Monarquia e a Anarquia.

Funda-se o primeiro na realidade das cousas, na necessidade de organização, na disciplina, na hierarquia, na diferenciação, isto é, na consideração de que a sociedade é um organismo vivo, regido por leis naturais determinadas.

Baseia-se o segundo num principio falso, qual seja o de que o homem é fundamental e naturalmente bom (principio essencial e comum a todas as construcções democraticas), sendo a sociedade que o faz mau.

Ainda que, por assentar em base tão falsa, mereça reprovação, nem por isso deixa de ser credor do nosso respeito, pela logica cerrada com que os seus arautos concluem pela necessidade da destruição completa da sociedade actual, *desideratum* que se poderá atingir considerando a terra uma imensa bomba e atulhando-a a pouco e pouco de explosivos...

Monarquia constitucional, republica conservadora, republica radical, socialismo, comunismo, bolchevismo, são degraus da escada que, em plano inclinado, leva da Monarquia—Espírito—Ordem, á Desordem—Anarquia—Materia.

A sociedade, presentemente ameaçada de morte, tem que se pronunciar com decisão, ou pelo remedio que a pode salvar—a Monarquia—ou pelo veneno que, sendo admitido, a ha de liquidar: o Anarquismo.

Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que mudarem de residencia o favor de avisarem para esta administração, em bilhete postal, unica forma de lhes ser remetido o jornal para a nova morada.

Igual pedido fazemos aos senhores assinantes que se retirem para as praias, termas ou campo e desejem receber regularmente o nosso jornal.

Promovida por um grupo de rapazes da nossa terra, realisa-se no proximo domingo uma interessante gerraçada com elementos desta cidade.

Foram já afixados os respectivos cartazes e os bilhetes de entrada acham-se á venda no Café da Porta da Vila e Hotel Avenida.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.mo Snr.

Nascimento

Teve há dias o seu bom successo, dando á luz uma formosa menina, a estreitosa esposa do nosso querido amigo sr. João Mendes Fernandes.

Mãe e filhinha encontram-se bem. Muitos parabens.

Praias

Com sua dedicada esposa, encontra-se na praia da Povoação de Varzim o nosso amigo sr. José Maria Felix Pereira.

Caixeiros

A Associação de Classe dos Empregados do Comercio desta cidade, enviou ao congresso dos Empregados do Comercio, effectuado na cidade do Porto, um telegrama concebido nos seguintes termos:

«Caixeiros Guimarães abixo assinados inteirados que Congresso Classe não passa de uma luta odiosa pessonae negação formal seus fins antes Congresso propaganda sindicalista revolucionaria protestam energicamente contra abuso e desrespeito ordem. Protestam ainda contra adesão internacionais reconhecendo nelas ómente autocracias semelhantes regime infeliz Russia».

“Gil Vicente,”

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

Esperamos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já hoje as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Finança.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, esperamos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despezas com a mesma cobrança.